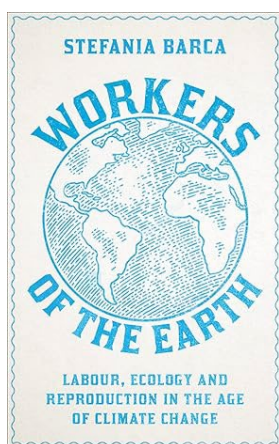
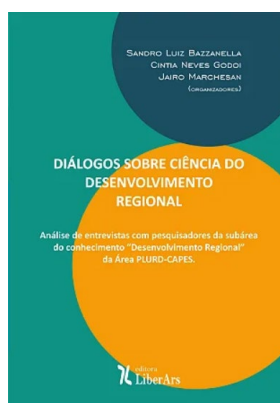


Breves comentários sobre algumas obras publicadas em 2024



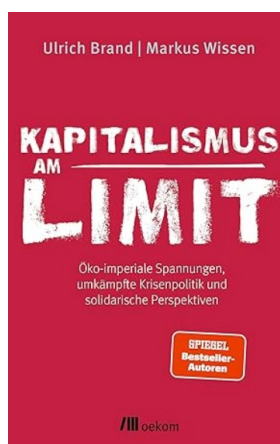
BARCA, Stefania. **Workers of the Earth**: labour, ecology and reproduction in the age of climate change. London: Pluto Press, 2024. 208p.

Comecemos pela autora: Stefania Barca é uma historiadora ambiental e uma feminista que privilegia uma abordagem fundada na ecologia política. “Workers of the Earth” é, no mínimo, uma obra ousada. A tentativa – ver-se-á: bem-sucedida – é de fazer a turma que defende o trabalho conversar com a turma que defende a natureza. O livro se divide em duas partes principais: na primeira, “History”, tem-se quatro capítulos; na segunda, “Political ecology”, tem-se outros três capítulos. Há uma longa introdução – “Labour in the Great Acceleration (1945 to present)” – no início, e um epílogo – “Care work in the post-carbon transition” – ao final. O livro fecha com notas e um providencial index. A ousadia da obra está em demonstrar que aquelas/es que defendem o trabalho e aquelas/es que defendem o meio ambiente precisam desesperadamente criar uma plataforma política comum – para que se possa levar a efeito uma radical “transição justa”. O desafio, portanto, está em enfrentar e superar os preconceitos que mantêm as/os que lutam contra o trabalho abstrato apartadas/os dos que lutam pela vida.



BAZZANELLA, Sandro Luiz; GODOI, Cintia Neves; MARCHESAN, Jairo (Org.) **Diálogos sobre ciência do desenvolvimento regional**. São Paulo: LiberArs, 2024. 99p.

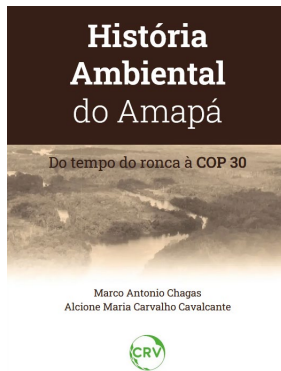
“Diálogos...” é um livro diferente. Bazzanella, Godoi e Marchesan entregam uma publicação que reúne entrevistas realizadas com autoras/es que no Brasil têm se destacado no campo de conhecimento conhecido como “desenvolvimento regional”. São seis as entrevistas, mas o livro principia com uma introdução e um belo capítulo de análise dessas entrevistas. Em que reside, porém, o mérito desse livro? Como se sabe, “desenvolvimento regional” é um campo *em construção*, tanto no Brasil quanto alhures. Por isso, uma consulta a quem está engajado no processo é providencial. Definem-se heranças, aclaram-se conteúdos, precisam-se fronteiras, afinam-se métodos, acordam-se desafios. E é o que este livro, e nenhum outro antes, conseguiu fazer: oferecer elementos para reduzir imprecisões quando se fala, no Brasil, em e de desenvolvimento regional. Se é certo que as/os entrevistadas/os tinham o que dizer, talvez se pudesse lamentar que outras vozes que também têm o que dizer estejam ausentes. Mesmo assim, pode-se considerar este um livro indispensável para quem milita no campo do ‘regional’.



BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Kapitalismus am Limit: ökoimperiale Spannungen, umkämpfte Krisenpolitik und solidarische Perspektiven**. 2 ed. München: oekom, 2024. 304p.

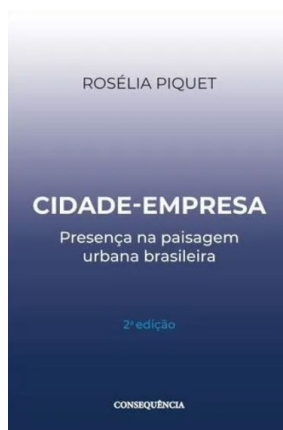
Este interessante livro de Brand e Wissen pode ser visto como uma continuidade de “Imperiale Lebensweise”, o antecessor, que teve considerável repercussão nos debates sobre as múltiplas crises que avançam com furor. Este “capitalismo no limite” está organizado em sete capítulos, precedidos de uma apresentação. Ele inicia com uma análise sobre como o capitalismo desencadeou e vem agravando a crise climática. Mas em suas páginas também se faz a crítica

ao “capitalismo verde”, se examinam as tensões eco-imperiais (i.e., como o Norte Global transfere os custos socioambientais do seu desenvolvimento para o Sul Global), se confere atenção ao advento da extrema-direita e se especula sobre perspectivas solidárias. Ao final encontram-se as notas, as referências e informações sobre os autores. É possível que o livro seja um êxito de vendas, como o anterior. Mas este não somente complementa aquele. Ele avança o argumento dos autores, a partir de um diagnóstico das crises do presente, apostando que as alternativas estão nos movimentos que, planeta afora, travam corajosas lutas emancipatórias.



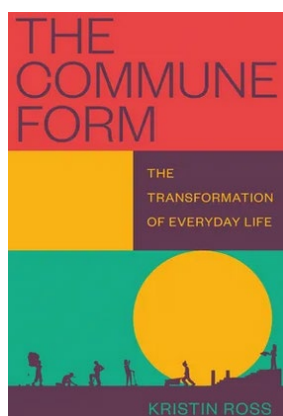
CHAGAS, Marco Antonio; CAVALCANTE, Alcione Maria Carvalho. **História ambiental do Amapá: do tempo do ronca à COP 30**. Curitiba: CRV, 2024. 192p.

O Amapá é, ao lado de Roraima, um dos estados situados mais ao norte do Brasil. E integra a Amazônia. Aliás, as Amazônias. O que Marco Chagas (geólogo e docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento da Amazônia Sustentável/Unifap) e Alcione Cavalcante (engenheiro florestal e assessor da área ambiental no Ministério Público do Amapá) oferecem à leitura é uma perspectiva incomum do Amapá e das Amazônias. O livro se compõe de uma apresentação, uma introdução, três capítulos mais longos, três encartes, um índice remissivo, dois depoimentos e dados sobre os autores. Ao longo de mais de 70 páginas, que correspondem ao capítulo “Naturalistas, ambientalistas e gestores ambientais”, apresentam-se as mulheres e os homens que têm lutado pela preservação do meio ambiente no Amapá e nas Amazônias. O segundo capítulo é dedicado à política ambiental do Amapá. O terceiro capítulo é devotado à coisa em si, i.e., ao meio físico e às formas de sua proteção. É, enfim, um livro indispensável para quem pretende compreender a “nova” questão regional no Brasil.



PIQUET, Rosélia. **Cidade-empresa:** presença na paisagem urbana brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2024. 196p.

A autora deste livro, já em segunda edição, é Rosélia Piquet, ex-professora do IPPUR/UFRJ e, agora já por 20 anos, docente, do Programa de Mestrado e Doutorado em Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Cândido Mendes, em Campos/RJ. O texto está estruturado em nove capítulos, que se distribuem por duas partes: a primeira, “A indústria e a formação urbana no Brasil”, contém os três primeiros capítulos; a segunda parte, “Cidades e empresas”, contém os seis demais. Cinco desses seis capítulos correspondem a estudos de empresas-cidades (de cinco estados diferentes). Precedem os nove capítulos a apresentação da própria autora, o prefácio à segunda edição (da lavra de Carlos Brandão), o prefácio à primeira edição (assinada por Milton Santos) e uma indicação do campo de estudo. Após o nono capítulo – que, aliás, corresponde a uma conclusão – seguem um anexo e referências. O conjunto é produto de cuidadosa investigação, levada a efeito por uma professora e pesquisadora de alta qualificação, que aporta contribuição inestimável para os estudos urbanos e regionais.



ROSS, Kristin. **The commune form:** the transformation of everyday life. London: New York: Verso, 2024. 134p.

Este pequeno livro de Kristin Ross deveria ser de interesse para quem se ocupa de planejamento urbano e regional, sejam estudiosas/os, *policy makers* ou militantes. Em suas páginas o/a leitor/a é confrontada/o com um modo de vida – atente-se para o subtítulo... – que acabou sendo corroído, na medida inversa em que se expandia o capital, em quase todo o planeta. Nesse modo de vida seres humanos definem, autônoma e conscientemente, a forma – comuna – como desejam organizar as relações (de produção, reprodução...) com suas/seus semelhantes. O livro

está dividido em três capítulos, além de introdução e conclusão: a) Nantes, not Nanterre; b) a tale of three airports, e c) defense, appropriation, composition, restitution. Ao final, a autora acresce um posfácio. Por suas páginas passeiam não apenas bem descritas experiências da “forma comuna” (como a de 1871 em Paris), mas também autoras/es (Marx, Kropotkin, Maria Mies...) que dela fizeram bons registros e extraíram boas lições. Para nós, fica a de que cidades e regiões não precisam ser obra do capital e do Estado. Podem ser de mulheres e homens livres.



SAITO, Kohei. **O capital no antropoceno**. Trad. Caroline M. Gomes. São Paulo: Boitempo, 2024. 226p.

Kohei Saito é um jovem professor de economia política da Universidade de Osaka/Japão e integrante do conselho editorial internacional do projeto *Marx-Engels-Gesamtausgabe*. E não é supérfluo acrescentar que também se preocupa com a crise socioambiental. Dela, aliás, trata o livro que aqui brevemente se resenha. Saito é competente tanto na crítica às forças que impulsionam a crise climática quanto na formulação de argumentos em favor de saídas. A leitura dos oito capítulos que compõem o livro flui sem dificuldades; a linguagem é inteligível e o uso de jargões, infrequente. O que, porém, aparenta ser um mérito, a originalidade no recurso à obra de Marx (e aos marxismos) é, talvez, o ponto mais nevrálgico do livro. Em outros termos: apesar de valer-se dos escritos d’*O Mouro* para mostrar como o capital agrava a crise socioambiental, sua aposta em estratégias baseadas no “decrescimento” e na “justiça ambiental” parecem afastá-lo do núcleo marxiano – fonte quase inesgotável de recursos para fundamentar uma crítica radical do capital destrutivo da vida humana e não-humana.